

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Onda Class.: 201Data: 28/09/88 Pg.: _____**MASSACRE DOS XACRIABÁS****Jurados decidem hoje a sorte dos acusados**

Miguel Santiago

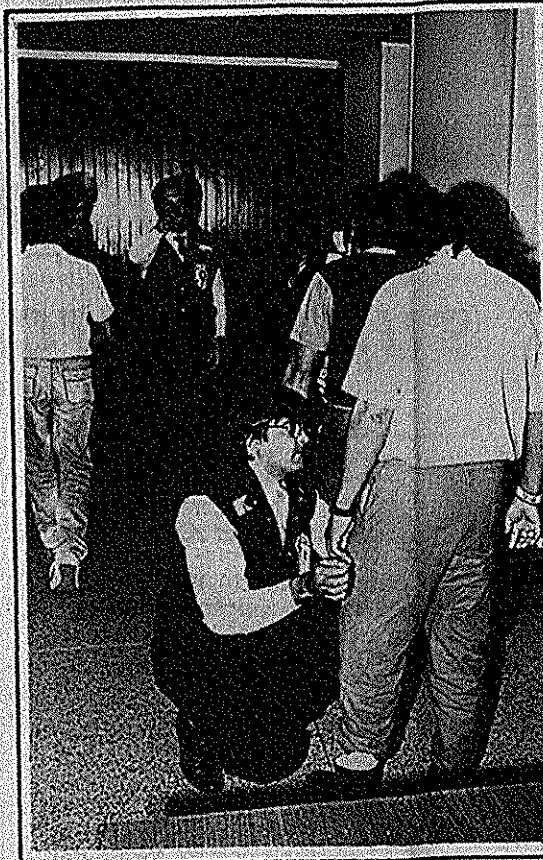
O juiz Antônio de Paula Oliveira, da 4ª Vara da Justiça Federal, usou a madrugada, a manhã, a tarde e a noite de ontem no salão "Professor Pedro Aleixo" do I Tribunal do Júri no Fórum Lafayette lendo peças do processo e ouvindo testemunhas do processo movido aos cinco acusados das mortes de três índios da reserva Xacriabá, em Itacarambi, Norte de Minas, além de ferimento em uma índia e morte de um companheiro. No banco dos réus desde a manhã de segunda-feira, acompanham os trabalhos os acusados Germano Gonçalves da Silva, Francisco de Assis Amaro, Roberto freire de Alkmin, Claudomiro de Oliveira Vidoca e Sebastião de Oliveira Vidoca, processados por crimes de homicídio, lesões corporais, invasão de domicílio e formação de quadrilha. O julgamento será encerrado na tarde de hoje, depois dos debates entre Carlos Vitor Muzzi (procurador da República), Décio Fulgêncio, Umberto Gomes Serafim, Loredano Aleixo (assistentes da acusação), Ariosvaldo Campos Pires, Orlando Ribeiro Lima, Augusto Jacob de Vargas Neto e Carlos Frederico Veloso Pires (defensores).

Segunda-feira foram interrogados os cinco acusados, dados intervalos para almoço e lanche e lidas algumas peças do processo a pedido das partes, o que invadiu a madrugada de ontem, com os trabalhos sendo interrompidos por volta das 3h30m, quando todos foram dormir em casa, menos os sete jurados, que dormiram no próprio fórum (pela Lei eles não podem se comunicar com ninguém), vigiados por oficiais de Justiça, em camas requisitadas pelo juiz Antônio de Paula Oliveira.

O julgamento começou por volta das 8 horas da manhã de ontem, com leitura de novas peças do processo, o que demorou duas horas, sendo dado um intervalo de 25 minutos para um lanche. Depois, a pedido do jurado José Marçal Souza Ramos, foram lidos dois depoimentos de testemunhas. Ele ainda pediu xerox de três depoimentos. Nesse momento os índios que vieram de ônibus da reserva Xacriabá (distante cerca de 800 quilômetros de Belo Horizonte) retornaram ao fórum. Muitos foram atendidos pelo médico de plantão, com problemas de dor de cabeça, cansaço, verminose e desnutrição.

Perto das 11 horas começaram os depoimentos das testemunhas. Gilmar Luiz de Oliveira, sobrinho da vítima Rosalino, disse ter presenciado a invasão da área e ouvido as vozes de Francisco de Assis Amaro, que reconheceu no banco dos réus juntamente com Roberto Freire de Alkmin e Germano Gonçalves da Silva. Ele não notou que Amaro estivesse armado no dia da chacina, mas ouviu ele gritar que "é a Polícia Federal". Informou que seu tio Manoel Fiúza da Silva ouviu os tiros e foi lá verificar o que estava acontecendo, levando um tiro e, no caminho do hospital, onde acabou morrendo, disse ter sido atingido por Amaro. E que o índio José Pereira Santana, inválido, foi morto deitado.

José Canuto Fernandes, que trabalha em uma conservadora que presta serviço à Polícia Federal, afirmou que Amaro, Germano e Roberto assinaram a acareação feita na Polícia sem qualquer coação. Em seguida foi dado outro intervalo (de 14h10m às 15h15m), para o almoço, sendo ouvido Valdir Nunes de Oliveira, filho do vice-cacique Rosalino, que informou ter Agenor Nunes de Macedo (morreu no tiroteio) atirado em seu pai anteriormente, errando o alvo. Disse que Amaro sempre falou em atacar a reserva para expulsar os índios do local e que se escondeu debaixo da cama para não ser morto.



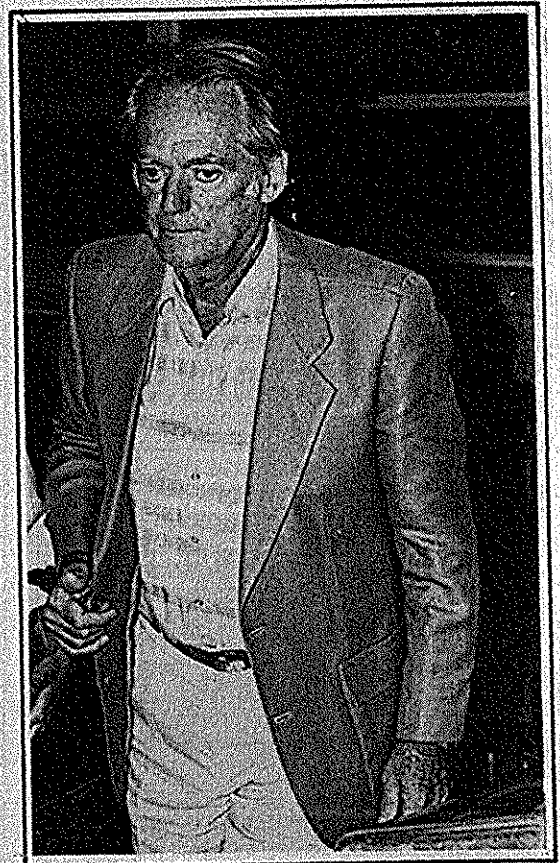
Os agentes federais voltaram a revistar rigorosamente todo mundo no Fórum

Na invasão, Valdir reconheceu as vozes de Amaro, Agenor, Germano, Roberto, Sebastião e Claudomiro de Oliveira Vidoca (irmãos) e outros, que se diziam da Polícia Federal, mesmo disfarçando as vozes. Informou que Manoel lhe disse, antes de morrer no hospital, que foi Amaro que atirou nele. Afirmou que sua mãe Anísia Nunes de Oliveira somente não morreu por estar carregando uma filha nos braços.

Depois Valdir identificou no banco dos réus Amaro, Roberto e Germano, sentindo certa dificuldade em reconhecer Claudomiro e Sebastião. Para ele, os acusados não gostavam de seu pai e nem dos Xacriabás. Nesse momento Benedito Miguel da Costa, presidente do Clube dos Advogados-MG, requereu, por escrito, ao juiz-presidente do Júri, que a Polícia Federal não mais fizesse "buscas pessoais" nos advogados que entravam no recinto, pois a medida é "injusta e descabida, pois os advogados constitucionalmente reconhecidos como indispensáveis à administração da Justiça não estão sendo respeitados na própria casa da Justiça". O pedido foi acatado pelo magistrado.

Pouco depois, quando foi informado do fato pelo juiz, o superintendente da Polícia Federal, Renato Surete, teve uma ligeira discussão com o advogado Almir Garcia, membro do clube, a quem disse que "passaram em cima de minha autoridade. O presidente do clube poderia ter se dirigido a mim, que eu levava o problema para decisão do magistrado". O advogado explicou e o policial entendeu a situação.

Em seguida foi ouvido o prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula, que apresentou uma péssima imagem do índio Rosalino e acusou a Funai de ter levado a discórdia para a reserva. Ele só conhece o acusado Francisco Amaro, seu amigo, e demonstrou certa preocupação com a imprensa, que "fez de Rosalino uma vítima".



O prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula, também foi ouvido ontem no Fórum

Depois de novo intervalo para um lanche (de 19h55m às 21h05m) foi ouvido o delegado de Itacarambi, Antônio dos Reis, muito preocupado em defender os acusados. Informado pela Polícia Militar dos fatos, foi de Toyota ao local, encontrando os cadáveres, sete horas após o massacre, vendo Rosalino e José Pereira mortos no interior da casa do cacique. Disse que havia um clima de revolta na reserva e que não ficou sabendo quem era o autor do crime (nem perguntou), pois a Polícia Federal chegou para as investigações, prendendo os envolvidos, não se dignando a visitá-lo na Delegacia.

O delegado informou ter ido certa ocasião na casa de Rosalino para recuperar sete animais e cinco celas, abandonados pelos proprietários que tinham um confronto com os índios. Ele escreveu várias vezes para a Secretaria de Segurança Pública narrando os atritos e pernoitou, por necessidade, na casa do réu Germano, várias vezes. Para ele os conflitos na região eram por disputa de terra e desavenças pessoais.

Informou que os índios mandavam recados ameaçadores aos posseiros, cumprindo as promessas, tendo instaurado alguns inquéritos por crimes de dano e um por homicídio — um filho que matou o pai há três meses — tendo dificuldades para cumprir sua missão na reserva, pela grande extensão da área e pelas muitas mortes.

No início da madrugada de hoje os trabalhos foram suspensos, com a defesa dispensando as demais testemunhas, começando julgamento por volta das 8 horas, com os esperados debates. Essa parte deve terminar pouco depois das 16 horas, quando os jurados irão votar os quesitos, decidindo a sorte dos acusados. A sentença deve ser lida antes das 18 horas, depois de quase 60 horas de julgamento.